

A mulher e a construção narrativa nas produções cinematográficas das Princesas Disney em um diálogo com as Relações Públicas¹

Emanuella Chiconini Carvalho

Raquel Cabral
Universidade Estadual Paulista, São Paulo/SP

Resumo

Este trabalho tem como objetivo relacionar a representação social da mulher nas produções cinematográficas de Princesas da Disney com a trajetória histórica, social e cultural da mulher em sociedade. Sabe-se que a evolução da mulher e a conseqüente luta dos feminismos influenciou todos os âmbitos da sociedade, o que também ocorreu no cinema de animação das princesas da Disney. A comunicação e as Relações Públicas tiveram papel essencial nesse processo de mudanças. Assim, com a pesquisa bibliográfica e os resultados conseguimos ver como a mudança de contexto da mulher na sociedade e as influências mútuas possibilitaram a mudança na construção narrativa de personagens das Princesas Disney. Nessa análise, são determinadas três Eras e escolhidas duas princesas por Era para demonstrar a transformação narrativa ocorrida na construção das personagens ao longo dos anos.

Palavras-chave: Princesas Disney; Mulher; Feminismos; Narrativas; Relações Públicas.

Introdução

Historicamente, existe uma perceptível e grande diferença entre os valores considerados masculinos e femininos na sociedade e, principalmente, já que é originado disso, uma grande diferença de tratamento e de respeito para com os sexos masculinos e femininos, seja em qualquer ambiente: na família, no trabalho ou nas ruas. Porém, assim como afirma Acselrad (2015), diferenças entre sexo não devem definir relações de poder e não deve guiar as relações interpessoais.

A identidade da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Assim, por vivermos em uma sociedade patriarcal, as mulheres já nascem, vivem e se reproduzem de forma condicionada a seguir esses comportamentos e aparências impostas consideradas adequadas ao feminino. Isso resulta numa naturalização dessa violência, já que

¹ Trabalho apresentado no Espaço Jovem Pesquisador, na categoria Trabalhos de Conclusão de Curso (monografias), atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

passa a ser entendida como algo natural. Por essa razão, por muitos anos essa forma de opressão foi negligenciada pela sociedade e essa manutenção das estruturas de opressão existem até os dias atuais. Os valores sexistas permaneceram, criaram raízes e preconceito em toda a sociedade.

Como tudo é interligado, a mídia também segue essa forma patriarcal, principalmente produções cinematográficas, em que as mulheres ali presentes eram tomadas como modelo a ser seguido. Nessa perspectiva, a Disney, indústria famosa mundialmente por seus filmes, responsável até mesmo por uma “magia” em torno do seu nome, narra padrões referentes ao papel da mulher ideal, a mulher-princesa, o que se estende até hoje. As meninas e, logo, mulheres, são influenciadas pela Disney de forma direta. Ao mesmo tempo, isso também está se modificando ao longo dos anos, de acordo com a evolução da mulher na sociedade, que está lutando pelos seus direitos e seu espaço.

Logo, percebemos como as influências são mútuas, tanto as narrativas da Disney influenciando a vida dos telespectadores, quanto as mulheres reais influenciando a construção narrativa das próprias Princesas Disney.

Mulher, sociedade e violência

Durante a história humana, a diferença biológica entre os sexos foi a justificativa encontrada para designar a mulher ao mundo privado, do silêncio, tal como afirmou Simone de Beauvoir (1960), de que na sociedade patriarcal, a mulher é identificada como o segundo sexo.

Bourdieu (1998) também explanou sobre essa diferença entre o homem e a mulher, como nos primórdios da humanidade em que o homem era o responsável pelas tarefas que exigiam ampla força física como, por exemplo, buscar alimentos (caça, pesca) e proteger a casa e a família de qualquer perigo. Enquanto isso, as mulheres ficavam responsáveis por atividades como cuidar da casa, das crianças e família, da alimentação (cozinhar e plantar) e sempre à disposição de seus cônjuges.

Logo, a divisão biológica entre os sexos foi utilizada para justificar e definir os padrões e determinados tipos de comportamentos considerados ideais para o homem e para a mulher. Assim, segundo Bourdieu (1998), além da força masculina legitimar essa relação de dominação por causa da divisão de sexos, ela também naturaliza toda essa construção social.

Essa situação e sistema de sociedade foi aceito e internalizado, tanto que nem mesmo podia se questionar sobre mudanças, e assim foi fácil a mulher tornar-se submissa ao homem, em qualquer âmbito social, seja em casa ou trabalho.

Podemos ver aqui a presença da violência simbólica, que se utiliza do sistema patriarcal para oprimir homens e mulheres, já que impõe papéis determinados para cada sexo. E fugir deles é um risco sob a pena de sofrer as violências dessa cultura.

Além disso, Cabral et al (2018, p. 251) denuncia o movimento de institucionalização de determinadas violências, que é legitimado e reproduzido pela própria cultura organizacional. Isso acontece muito em locais de trabalho, em que mulheres ainda lutam para conseguir uma igualdade ao homem. E, retrocedendo na história, conseguimos ver como outras instituições também naturalizaram essa violência contra a mulher: a Igreja Católica e a Inquisição, por exemplo, utilizaram os dogmas religiosos para criar um imaginário de submissão e controle da mulher.

Nesse cenário, podemos identificar a institucionalização da violência também por parte da Indústria Disney. Como visto em uma pesquisa realizada pelo BuzzFeed News² com as roteiristas, desenhistas e animadoras que trabalharam nos estúdios Disney durante os anos de 1987 até 2017, quase não tinham cargos para mulheres dentro da empresa. Além de serem poucas mulheres, os cargos que ocupavam eram os menos valorizados, assim como afirmam Brenda Chapman, Lorna Cook e as demais entrevistadas. Essa institucionalização da violência acabou por influenciar as narrativas e desenhos da Disney, pois como eram praticamente apenas homens que as produziam, não retratavam o pensamento da mulher real, apenas reproduziam a mesma forma de opressão existente na sociedade.

O que mudou realmente ao longo dos últimos séculos foi que, mesmo em uma sociedade patriarcal em que a dominação masculina se impunha, as mulheres começaram a tentar reivindicar por seus direitos a pequenos passos, pois perceberam que essa exploração não era natural e inevitável, mas que fora naturalizada. Assim, Céli Regina Jardim (2010) afirma que os movimentos feministas surgiram e começaram a agir a fim de romper com essa estrutura de poder e hierarquia. De fato, os movimentos feministas são muitos e plurais, possuem suas próprias teorias e criticidade.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta

² Site BuzzFeed. Como mulheres modernizaram as princesas Disney. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/arianelange/como-mulheres-modernizaram-as-princesas-disney>

última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.
(JARDIM, 2010, p. 2)

Judith Butler (2003), filósofa e feminista, discute o tema da representação da mulher e de sua libertação em uma sociedade de dominação. Ela afirma que os feminismos devem compreender que as mulheres buscam emancipação de um sistema opressor por meio de um mesmo sistema opressor, ou seja, a libertação das mulheres não é mediante um sistema novo e que fora conquistado para isso, mas sim por meio de um espaço do outro que precisa ser aberto e modificado.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das 'mulheres', o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação. (BUTLER, 2003, p. 19)

Assim, os movimentos feministas começaram a ganhar ainda mais força principalmente a partir de 1960, se intensificaram em 80 e 90 e seguem cada vez mais fortes até atualmente. Ainda é difícil uma total mudança, devido justamente a essa estrutura hierárquica em que as mulheres estão inseridas e tentando sair.

Organizações, mulheres e influências múltiplas – Como a Disney influenciou mulheres e como os movimentos feministas influenciaram a Disney

Como vimos, vivemos desde sempre em uma sociedade patriarcal, e a mídia reproduz. Na verdade, tudo é reproduzido nesse cenário, assim, no cinema não seria diferente. Cria-se um ideal feminino a ser atingido (mas que é inatingível) e que é transmitido nas telas e, por consequências, passa a ser adotado pelo mais íntimo das mulheres, mesmo inconscientemente. Mais uma vez o espaço é delimitado e criado pelo controle masculino. Assim, como afirmou Gubernikoff, autora que se dedica ao cinema e feminismo:

A mulher interiorizou os conceitos divulgados pelo cinema clássico como se fossem a sua própria identidade. Nesse processo, foi objetivada como consumidora. De um lado, de uma ideologia – a capitalista, e, de outro, de um produto – sua própria feminilidade. Enfim, ela só é mais um dos elementos na estrutura da sedução (GUBERNIKOFF, 2009, p. 9).

Assim, entendendo essa estrutura de dominação na sociedade e, logo, no cinema, conseguimos pensar a respeito das organizações. A partir do momento em que compreendemos a Disney como uma produtora cinematográfica, renomada mundialmente, não podemos deixar de entendê-la como uma organização. Nessa perspectiva, ela está inserida num contexto que

historicamente acompanhou a trajetória de lutas dos movimentos feministas e que, por sua vez, também influenciou e foi influenciada por esse mesmo contexto.

Curvello (2008) apresenta a ideia de que as organizações são sistemas abertos e complexos, pois elas vivem em um cenário de mudanças constantes. Ele vê a comunicação como um processo permeado por muitas variáveis, o que se encaixa no nosso cenário mostrado aqui, em relação da mulher com ela mesma, da mulher com a sociedade, e dela com a Disney. Curvello (1996) afirma que as organizações precisam se moldar à sociedade em que estão inseridas e ao mercado complexo que as envolve para que continuem existindo, pois não há outra opção se não a própria mudança. Organizações precisam tomar uma atitude referente às relações e reivindicações propostas por seus públicos e, por conseguinte, pelos grupos de pressão.

Assim, no final do século XX, com a globalização e novas tecnologias, surgia essa nova realidade, permeada de influências externas incontornáveis, iniciando transformações na sociedade, o que continua até os dias atuais. As informações chegam rapidamente, de forma imediata, e os fluxos se intensificam. Segundo Curvello (1996, p. 7): “A tecnologia desenha uma nova forma de conversar e dialogar e a própria organização tem de repensar e reformular seus discursos legitimadores”.

Os fluxos imediatos de informação e tomadas de ações repentinas de acordo com as mudanças no ambiente explicam a forma como a Indústria Disney realmente necessitou se moldar ao cenário em que se encontrava e se encontra atualmente para que suas produções cinematográficas condissessem com seus públicos e com as reivindicações propostas.

Baldissera (2009), que também apresenta uma visão da sociedade de decisões urgentes e interações com o outro, diz que a comunicação organizacional engloba três partes que são interdependentes:

A organização comunicada (fala autorizada) tem a ver com processos de comunicação voltados para fazer a imagem e identidade da própria empresa, utilizando-se de recursos estratégicos ou planejados para que isso ocorra. Exemplo: em uma sociedade complexa, para que ocorra somente processos de organização comunicada é quase inimaginável, pois a complexidade envolve mudanças de comportamentos, formas indiretas de comunicação e, muitas vezes, condições fora do planejamento da organização.

Já a organização comunicante (fala autorizada e outros processos) é o grau mais complexo da Organização Comunicacional, e é definida quando alguma pessoa ou público estabelece alguma forma de relação direta com a organização, seja isso planejado ou não, ou seja, pode ser formal ou informal e ainda assim um tipo de relação é estabelecida.

A organização falada conta com processos de comunicação que não ocorrem dentro do espaço organizacional, ou seja, não ocorre dentro da organização e isso é visto como uma forma indireta de comunicação, pois a mesma não tem controle sobre essas formas de expressão. O que ela precisa fazer é manter atenção nisso para que, caso algo inesperado surja e possa comprometer a organização de qualquer forma, ela precisa saber lidar com a situação e com seus públicos envolvidos na questão. Segundo Ivone de Oliveira (2010, p. 5): “Dialogar com a sociedade na busca de visibilidade passa a ser para elas uma necessidade social”.

Usando os conceitos de Baldissera, conseguimos observar como a Disney se comportou. É uma indústria que produz não só filmes, mas brinquedos, roupas e acessórios que fazem parte da vida das crianças, logo, quem compra e assiste os filmes não o faz apenas pelo filme em si, mas também pelas ideias que eles representam, compram um imaginário, uma visão e comportamento das personagens.

Porém, com o passar dos anos e pensando nas informações instantâneas que os indivíduos conseguem acessar, ainda mais com o avanço da tecnologia, alguém que não aceite como positivo e não se identifique com a ideia e os padrões propostos pelo filme, pode começar a questionar esse tipo de produção cinematográfica e influência social. Essa pessoa logo se torna um grupo organizado que se transforma em um grupo de influência social e consegue criar pautas que vão, por sua vez, também influenciar a própria Indústria Disney.

Esse grupo é um dos públicos da empresa e ela não pode ignorá-lo. Ela dialoga com ele de diversas formas e, portanto, também precisa ouvi-lo e tomar decisões a partir disso. Nesse caso, seriam os grupos de mulheres, na luta pela causa feminista já discutida aqui, que estabelecem uma relação, direta e indireta, com a Disney ao tentar confrontar suas ideias e reafirmar seus valores.

Assim, com a junção dos pensamentos de Curvello (2008) e Baldissera (2009), afirmamos que as organizações precisaram aprender a viver nessa inconstância e a pensar a comunicação como um meio de reafirmar sua presença no mercado e para dialogar com os grupos existentes. A organização se forma e se molda a partir de eventos que ocorrem no ambiente em que está inserida, e tudo está em constante renegociação. Não existe aquela ideia antiga de emissor e receptor, porque o processo comunicacional que acontece entre organização e seus públicos não é de transmissão de informação, é uma troca mútua.

Ao longo dos anos e das produções dos filmes, a Indústria Disney percebe a luta feminista crescente na sociedade, a mudança do papel da mulher e a necessidade de mudanças de atitude exigida pelos grupos externos, e ela é pressionada para a mudança. Assim, começa a tentar dialogar da melhor forma com seus públicos a fim de que continue fazendo sentido na

vida das pessoas, principalmente em um novo cenário marcado pela complexidade e diversidade.

Para explicar a relação entre organização, público e influências, Simeone e Reis (2019) recorrem à Edward Bernays. Famoso por ser pioneiro das Relações Públicas, Bernays discutia em suas obras as forças variáveis que influenciam a opinião pública e afirmava que os relações-públicas devem considerar opinião pública e influência e a relação desses dois com a organização, a fim de que identifiquem as interações presentes.

Nessa perspectiva, Simeone e Reis citaram Grunig para afirmar que as organizações criam conflitos com o cenário em que estão inseridas e, assim, podem surgir os públicos, que evoluirão conforme a organização se posicione: “E, assim, assumir a forma de grupos ativistas capazes de criar constrangimentos e ameaçar a autonomia daquelas organizações”. Grunig (1997, p. 9, tradução nossa) apud Simeone e Reis (2019, p. 5). Isso reitera que as tensões entre grupos existem e as organizações se encontram tensionadas por esses mesmos grupos de pressão.

É notável como essas trocas de influências e interações entre grupos e organização foram as responsáveis pelo processo de modificação da construção das personagens Princesas Disney.

A organização faz intervenções estratégicas com seus públicos para conseguir persuadir a interação e, ainda assim, influenciar e atingir seus objetivos iniciais próprios. Por exemplo, por mais que a sociedade tenha mudado e exigido da Disney diferentes posicionamentos a respeito da mulher, que agora está mais inserida na sociedade e empoderada, a Disney ainda é quem comanda a relação com os grupos e ainda há maior influência desse lado.

Porém, é preciso observar que há dois lados: a organização tentando persuadir a opinião pública e os públicos que resistem às influências. Esses dois lados coexistem, interagem entre si e com os outros grupos e disputam sentidos e também constroem novos. A vida em sociedade não é imaginável sem essa troca mútua de influências e o contexto da organização não está isolado do mundo, da sociedade e das outras instituições. Assim como afirma Kunsch (2014) ao citar Manuel Castells, se a organização não assimila tudo que acontece à sua volta e contribui para a transformação também, a organização se encontrará estagnada em pouco tempo. Kunsch (2014) ainda afirma que a comunicação é essencial nesse processo, visto que ela é um elemento social básico: “Há que existir uma relação sinérgica entre o mundo e as organizações. E, nesse contexto, é a comunicação que viabiliza todo o processo” (KUNSCH, 2014, p. 3).

O paradigma relacional de Fábria Lima (2008), outra autora brasileira que estuda as organizações, também está interligado com a questão das influências externas a uma

organização. Vemos que a partir desse paradigma é possível fazer uma relação em três dimensões da comunicação: interacional, simbólica e contextual. A dimensão interacional é sobre a relação dos interlocutores, ou seja, de quem fala; a simbólica é de produção de sentido, discurso; e a dimensão contextual tem a ver com a situação sociocultural.

Segundo Fábria Lima: “Estar em comunicação é, portanto, instituir-se na presença do outro, num movimento de mútua afetação pela ação, reação e projeção da ação de si e do outro” (LIMA, 2008, p. 11).

Ao discutir organizações e públicos, não apenas o público externo influenciava a Disney e vice-versa, embora isso seja o mais óbvio, mas há um público importante: o interno. Logo quando surgiram as primeiras Princesas, praticamente não havia mulheres trabalhando na produção, pelo menos não que pudessem dar opiniões relevantes para a construção da narrativa.

Em 1987 teve uma das primeiras participações importantes, a Disney contratou Brenda Chapman, uma animadora que entrou para trabalhar como estagiária no roteiro do filme “*A Pequena Sereia*”. Na época não foi levada a sério, pois era a única mulher que estava trabalhando no roteiro do filme e os homens que comandavam o roteiro não a consideravam relevante para o trabalho. Mas, Chapman foi quem criou a cena mais famosa do filme, que é quando Ariel aparece na tela com uma onda por atrás, no momento em que ela avista o príncipe Eric na praia.

Após a experiência com Chapman, Disney colocou Linda Woolverton como roteirista para trabalhar junto com outros colegas, todos homens, no filme “*A Bela e a Fera*”. Nessa época já se notava uma mudança social na qual as mulheres começaram a ganhar voz, ainda tímida, mas relevante. Após o filme de Ariel, Woolverton se sentiu mais livre para poder criar elementos novos para a Bela. Os homens do estúdio que trabalhavam no roteiro também começaram, aos poucos, a se abrir mais para as ideias novas sugeridas por uma mulher, pois o mundo estava em mudança.

Lorna Cook, outra roteirista que participou da construção de filmes das Princesas a partir de Mulan e Pocahontas, afirmou ao BuzzFeed News (2017) “*Passei muito tempo em salas ouvindo homens dizer como as mulheres pensavam e se vestiam e como era o formato de seus corpos*”. Os filmes deveriam representar certo protagonismo e autenticidade de determinados grupos sociais, mas ainda assim, era difícil o reconhecimento sobre a importância da representatividade feminina nessas produções. Isso potencializa o erro na abordagem narrativa, na forma de ver o mundo a partir das personagens em questão.

Chapman contribuiu para que outra animadora entrasse e trabalhasse como diretora e roteirista de *Frozen*, um dos filmes mais aclamados da Disney e sucesso de bilheteria. Assim,

vemos que as mulheres começaram a ganhar voz também dentro da própria Disney com um protagonismo mais evidente.

Amy Lawson Smeed foi a primeira mulher codiretora de animação de um filme do estúdio Disney e foi ela quem criou o corpo físico de Moana, uma princesa heroína que teve sua história pautada em aventuras e liderança. E isso ocorreu devido ao trabalho de mulheres fortes e com ideias feministas convictas, e que trabalhavam nos bastidores para garantir a melhor e mais realista experiência para o espectador. Chapman afirmou ao BuzzFeed News (2017) que queria quebrar com o molde e ideal da princesa menininha.

O que realmente mudou ao longo do tempo não é que cada princesa rejeitou tudo o que limitava as princesas que vieram antes, mas que, começando com Ariel, todas as princesas pareceram mais humanas, em parte porque foram criadas por um número maior de mulheres reais. (LANGE, 2017).

Análise de narrativas e Princesas Disney

Com o intuito de interligar o referencial teórico sobre organizações, cultura e sociedade, foi utilizado a análise de conteúdo, proposta por Bardin para analisar alguns dos filmes das Princesas Disney. De acordo: “O que se procura estabelecer quando se realiza uma análise conscientemente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias e atitudes) dos enunciados”. (BARDIN, 1977, p. 41). A partir disso, foram estabelecidas certas conclusões comparativas entre os filmes e que resumem como a mulher era vista e retratada nas animações desde o início da construção narrativa das Princesas Disney até os dias atuais.

As categorias definidas previamente para a análise de conteúdo foram criadas a partir do referencial teórico e observação dos próprios filmes por parte da pesquisadora. Sendo assim, chegamos a cinco categorias analíticas que foram consideradas relevantes, já que refletem características amplas e comuns relacionadas às características físicas e psicológicas das personagens, enredo e concepção narrativa do papel da mulher, conforme detalhado no quadro 1.

Quadro 1. Categorias analíticas para análise de conteúdo dos filmes Princesas Disney

Nº	Categorias	Justificativa
1	Estereótipo da mulher europeia	Essa categoria foi escolhida porque ao verificar as imagens das Princesas Disney e os padrões encontrados de beleza, pudemos perceber que a maioria

		segue um tipo de estereótipo da época do século XX considerado como padrão de beleza universal, que era o padrão da mulher europeia: mulher branca, loira, de cabelos longos, olhos claros e magra. Por isso, escolhemos verificar a frequência desse biotipo nas princesas representadas.
2	Final feliz somente junto com o homem	Assim como já conhecido, as Princesas são famosas por sempre terem um final feliz com casamento ou que o final feliz seja sempre, de alguma forma, com o homem. Isso cria uma falsa necessidade de que as mulheres precisam dos homens para ser felizes. Por isso, escolhemos verificar quantas princesas finalizam o enredo junto a um homem, e se esse padrão é frequente nas narrativas analisadas.
3	Figura reguladora é a masculina	Outro julgamento comum acerca das Princesas é que o homem é sempre a figura que detém o poder dentro da trama, seja ele o príncipe, pai ou outro alicerce psicológico e/ou moral masculino. Por isso, esta categoria pretende verificar a frequência desse tipo de figura nas narrativas estudadas.
4	Mulher presa	Um ponto bem comum também nas narrativas é que, normalmente, sempre se espera que a princesa se encontre em perigo durante o enredo. Nesse caso, ela precisa ser salva de alguém ou de alguma armadilha, ou não tem poder suficiente (físico, econômico ou psicológico) para fazer as coisas por elas mesmas. Assim, há sempre uma imagem da princesa presa, sem voz, sem autonomia. Trata do espaço público e privado em relação as princesas.
5	Rivalidade feminina	Outra questão muito polêmica acerca das narrativas das Princesas é a rivalidade feminina. Seja por vilã ou por uma madrasta ou competição entre irmãs e mulheres do reino para ver quem conseguiria conquistar o príncipe, costuma estar presente essa competição não saudável entre as mulheres. Isso as levam a enxergar as outras mulheres como inimigas e nunca como apoio ou amizade. Logo, é interessante também avaliar essa recorrência narrativa, que busca desmobilizar a rede de apoio feminina.

A análise também foi realizada por Eras, para facilitar o agrupamento e a comparação final da evolução das Princesas, as Eras são divididas segundo uma pesquisa realizada em 2015 por Carmen Fought do Pitzer College, e Karen Eisenhauer da North Carolina State University³:

Quadro 2. Eras das Princesas Disney

Era Clássica 1937-1959	Branca de Neve	1937
	Cinderela	1950
	Bela Adormecida	1959
Era Renascentista 1989-1999	A Pequena Sereia	1989
	A Bela e a Fera	1991
	Aladin	1992
	Pocahontas	1995
	Mulan	1997
Nova Era 2009 – dias atuais	A Princesa e o Sapo	2009
	Enrolados	2010
	Valente	2012
	Frozen	2013
	Moana	2017

Fonte: Adaptado pela autora com base nos trabalhos de Carmen Fought (2015) do Pitzer College, e Karen Eisenhauer (2015) da North Carolina State University. Disponível em: <http://www.kareneisenhauer.org/wp-content/uploads/2016/04/lisa-presentation-d3.pptx>. 2019

Foram escolhidas duas princesas por épocas, considerando as três épocas do quadro 2:

- Cinderela e Bela Adormecida (anos 1950 e 1959)
- Ariel (A Pequena Sereia) e Mulan (anos 1989 e 1998)

³ Pesquisa realizada por Carmen Fought (Pitzer College) e Karen Eisenhauer (North Carolina State University) em 2015. Disponível em: <http://www.kareneisenhauer.org/wp-content/uploads/2016/04/lisa-presentation-d3.pptx>. 2019

- Merida (Valente) e Moana (anos 2012 e 2016)

Foram escolhidas três épocas porque a primeira (1937 a 1959) é considerada por ser um período em que as princesas da Disney eram totalmente indefesas e submissas ao homem, pois são as lançadas logo no início das atividades da Indústria Disney e seguem um padrão sexista, de dependência. Por exemplo, a Bela Adormecida (1959), que precisou esperar um príncipe encantado para a salvar de um sono profundo e de uma vilã.

Já Ariel e Mulan (1989 e 1998) são duas princesas consideradas intermediárias, pois ambas ainda tinham seu príncipe encantado como parte principal da história, mas as duas tiveram atos de coragem e força feminina próprias durante os filmes.

Valente (2012) mostra uma mulher forte, atrapalhada para se encaixar no estereótipo antigo de comportamento de princesa e decidida a traçar seu próprio caminho. Moana (2016) também foi diferente, pois foi uma das primeiras princesas aventureiras e também uma das primeiras que não tem um par amoroso durante um filme da Disney. Sua história é baseada em si mesma e no seu gosto pela aventura e por viagens. Assim, apresentamos os resultados da análise de conteúdo realizada, conforme seguem:

Era Clássica: Cinderela apresenta todas as características comuns à Era Clássica, na qual a mulher deveria cuidar da casa e dos afazeres domésticos, enquanto sonha em encontrar com o príncipe encantado para ser feliz. É apresentada grande rivalidade feminina entre as mulheres do filme e a princesa. No final, Cinderela precisa ser salva pelo príncipe para ter seu final feliz.

Observamos que a Bela Adormecida, assim como a Cinderela, também cumpriu com padrões já esperados pela sociedade da época. Eram mulheres loiras, magras, de cabelo liso e comportamentos que atendessem às expectativas masculinas. Aurora também se encontrou presa, dessa vez, por grande parte da trama, mais que Cinderela, e só foi liberta no final com o príncipe lutando para salvá-la. As duas se encontram presas física e psicologicamente.

Era Renascentista: Ariel (A Pequena Sereia) conta com a presença de alguns traços que antes não eram imagináveis para as mulheres da época, como a ousadia na cor do cabelo e desafio à autoridade na figura do pai, para fazer o que quiser. Porém, como ainda é a Era Renascentista, as cinco categorias estão todas presentes no filme, o que ainda indica um modelo conservador, voltado ao patriarcalismo e suas marcas.

Já Mulan rompe com certa tradição narrativa, pois já apresenta duas categorias ausentes na análise de conteúdo, o que rompe com uma narrativa anterior mais clássica. Como há pouco enfoque também no relacionamento amoroso de Mulan com Chang, se observa um elemento

narrativo novo e diferente quando comparado com todas as princesas anteriores, pois o relacionamento com o “príncipe” era sempre um ponto central na trama.

Nova Era: Considerada entre o período de 2009 até os dias atuais, observamos uma crescente participação dos movimentos feministas na sociedade, o que estabelece uma relação intrínseca com as personagens femininas desta época. Assim, as princesas Disney já refletem essa transformação social e podemos ver um grande contraste entre essa última era com a primeira.

Tal como se observa em Merida, há uma ruptura com as narrativas anteriores, o que é perceptível ao olharmos as presenças e ausências das cinco categorias: apenas uma é presente, que é a beleza europeia e mesmo presente ainda desconstrói padrões, pois Merida é ruiva, seu cabelo totalmente crespo, com muito volume e nada ajeitado, o oposto de como seria o esperado de uma princesa. Isso demonstra uma grande evolução narrativa da representação social da mulher e também da disputa de poder nos próprios bastidores da Indústria Disney.

Em Moana, podemos refletir sobre toda a transformação social da mulher e como ela atingiu um grande espaço dentro das organizações. Moana tem todas as cinco categorias ausentes na análise realizada sobre a narrativa do filme, o que indica uma nova forma de se pensar e construir personagens das princesas Disney. Agora, as princesas não precisam mais seguir o mesmo padrão recatado de comportamento e de beleza. Ela é escolhida para ser a líder da sua tribo, além disso, é escolhida pelo oceano, desde que nasceu, para entregar uma relíquia mística a uma deusa. No filme, a figura feminina também é enaltecida pela sua vó, que se torna sua guia por encorajá-la. Moana representa independência e força.

Assim, conseguimos ver que houve uma mudança narrativa conforme as Eras das Princesas avançavam. Na Era Clássica conseguimos ver que todas as cinco categorias estão presentes nos dois filmes, Cinderela e Bela Adormecida. Ao mesmo tempo, todas as características masculinas são fortes e marcantes enquanto as princesas, mesmo que ainda fossem as protagonistas da trama, eram ou estavam numa situação de inferioridade diante dos personagens masculinos. Eles ainda eram os donos do poder e a mulher era retratada de uma forma dependente e submissa para viver e para ser feliz. Ambas, Cinderela e Aurora, dos dois filmes, também estão presas de alguma forma, seguem um forte estereótipo de beleza europeia e a rivalidade feminina é bastante presente na história de cada uma.

Já na Era Renascentista, as coisas começam a mudar um pouco de perspectiva, pois já é possível chamá-la também de fase de transição das Princesas, que é quando elas começam a ganhar um pouco mais de força, mas ainda seguem padrões conservadores de mulheres e das características consideradas de princesas. As duas analisadas, Ariel e Mulan, tem um ponto em

comum que é a rebeldia, mas essa característica aparece de forma diferente para cada uma delas. No filme da Pequena Sereia, todas as cinco categorias analisadas estão presentes, mas em quase todas elas há uma pequena força contra o que lhe foi imposto.

Na categoria 1, Ariel segue um padrão de beleza europeia, mas seu cabelo vermelho foi considerado totalmente inovador e ousado para a época. Na categoria 3, a figura reguladora de Ariel é a masculina, inicialmente e por quase o filme todo, o seu pai exerce esse papel. Mas ela desafia as regras e faz o que quer mesmo assim, que é ir à superfície e não pede permissão para isso. Na categoria 4, Ariel é presa de certa forma, mas também luta para que não seja. Ela não aceita a condição de continuar presa, fisicamente ou psicologicamente, como Cinderela aceitou, por exemplo.

Para Mulan, as categorias 1 e 2 foram analisadas como ausentes porque Mulan é uma das primeiras princesas da Disney, logo após Pocahontas, a ter uma beleza totalmente diferente das demais. Possui características étnicas distintas das tradicionais abordadas pela Disney. Seu final feliz não é somente junto com o homem porque o grande momento da história foi quando Mulan conseguiu salvar a China. O foco do enredo destaca essa conquista e não no seu relacionamento amoroso – que nem mesmo teve muito espaço na trama, pois essa não era mesmo a intenção dos produtores. O objetivo foi valorizar sua força como guerreira, assim como afirmou Caroline Hu para a entrevista do BuzzFeed News (2017).

As outras categorias, 3, 4 e 5, de Mulan, estavam presentes, mas em nenhum momento Mulan deixou que esses problemas a impedissem de fazer o que ela queria e de trabalhar disfarçada como um soldado para salvar a China. Isso foi considerado totalmente desafiador e rebelde para as mulheres da Era Clássica.

Já na Nova Era, as princesas Merida e Moana fogem totalmente do padrão estabelecido logo no início pelas princesas da Era Clássica. Moana tem todas as cinco categorias classificadas como ausente, e a única categoria que Merida tem como presente é a 1, pois seu padrão de beleza é europeu por ser escocesa, mas foge do padrão pelo jeito mais espalhafatoso e com volume que seu cabelo é retratado. Os cabelos de Merida são uma leve representação da sua personalidade, ou seja, demonstrava que a princesa era “fora do molde”. Moana também foi especialmente produzida para quebrar todos os padrões:

Resistindo às expectativas físicas para a personagem, Amy Lawson Smeed, a primeira mulher codiretora de animação em um filme da Disney, deu foco ao aspecto atlético de Moana. Smeed não estava disponível para uma entrevista com o BuzzFeed News, mas ela disse ao "Detroit Free Press" que ela orientou os animadores a fazer o estilo de corrida da personagem em particular “mais atlético” e “mais confiante” (LANGE, 2017).

As duas personagens não têm nem indício de quererem qualquer par romântico em suas tramas. Elas são mulheres independentes, fortes e que têm o desejo por aventura, conhecer o mundo e traçar seu próprio destino. É exatamente sobre isso que os filmes tratam como história principal.

Os produtores já haviam dito que a intenção era mostrar esse novo estilo de princesa e mulher, que tinha tudo para ser feliz e conquistar o que quisesse sozinha. A mulher não é mais vista como presa, inferior ou um ser menos inteligente que o homem. De acordo com as lutas e manifestações feministas, as mulheres foram e estão ganhando cada vez mais espaço e representatividade, portanto, suas personagens agora mostram mulheres reais, com corpos, belezas e expectativas reais.

Considerações Finais

Concluimos que as mulheres e os feminismos se transformaram ao longo dos anos. Os movimentos feministas fizeram com que as mulheres se empoderassem cada vez mais a fim de uma mudança de perspectiva social, em busca de mais espaço e igualdade. Sendo assim, as organizações precisaram se adaptar às novas reivindicações sociais. Logo, este trabalho é importante para a comunicação, pois mostra como as organizações se moldam às necessidades no cenário atual, como elas reagem aos grupos de pressão e como as influências acontecem e surgem dos dois lados: da organização e dos indivíduos. De fato, a Relações Públicas se faz presente. Foi possível perceber que a mulher, a sociedade e as organizações estão interligadas, pois estão em constante transformação, uma influenciando a outra.

Dessa forma, é evidente que sim, a evolução da mulher na sociedade influenciou a construção das personagens das Princesas Disney. Há uma relação direta e ela é pautada em uma troca mútua de influências que foram feitas por meio de grupos ativistas que tensionaram as organizações, cobrando mudanças e novas posturas. A Disney é influenciada e tensionada por esses grupos de pressão e esses também são influenciados pelas personagens, produtos e imaginários que a própria organização cria.

O avanço das Eras se justifica pelas lutas feministas que começaram a ganhar força, cada vez mais, nos variados espaços da sociedade. Essa transformação é retratada nas produções cinematográficas e na construção de personagens e de narrativas das Princesas Disney.

E além disso, a comunicação se mostrou importante em todos os âmbitos, tudo está interligado. Vimos que foi e é importante também dar voz às mulheres que trabalham dentro

das organizações, porque elas são as mesmas mulheres que estão reivindicando seus direitos na sociedade e são elas que constroem narrativas de mulheres mais reais que legitimam a força feminina. É necessário que se estude sobre a mulher, seu contexto histórico e social e como o feminismo é importante para toda a sociedade, não somente para a mulher, mas porque viver em sociedade significa não estar sozinho, é viver e pensar no outro.

Referências

ACSELRAD, Marcio. A teoria feminista vai ao cinema: configurações e reconfigurações do feminino na tela. **Vozes e Diálogo**, 2015

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Raquel *et al.* Violência organizacional: reflexões a partir da perspectiva dos estudos para a paz. **Organicom**, [s. l.], n. 28, p. 248-264, 2018. 316p.

CURVELLO, João José Azevedo; SKROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. A comunicação e as organizações como sistemas complexos: uma análise a partir das perspectivas de Niklas Luhmann e Edgar Morin. In: **E-compós**. 2008.

CURVELLO, João José Azevedo. Caos e ordem na cena organizacional. In: **Congresso Internacional Latino-Americano de Semiótica**. 1996.

CURVELLO, João José Azevedo. As organizações como sistemas autopoieticos de comunicação. **INTERCOM. XXI Congresso Brasileiro da Comunicação**. 2001

GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, identidade e feminismo**. São Paulo: Editora Pontocom. 2016.

HENRIQUES, Márcio Simeone; SILVA, Daniel Reis. Reposicionando a noção de influência nas Relações Públicas: articulações teóricas preliminares e perspectivas de estudo. In: **Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. 2019.

KUNSCH, Margarida. Comunicação Organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual. São Paulo: **Revistas USP**, v. 8, n. 2, p. 35-61, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/90446/93218/0>. Acesso em: 4 jul. 2019.

LANGE, Ariane. Como as mulheres modernizaram as princesas Disney. **BuzzFeed**, 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/arianelange/como-mulheres-modernizaram-as-princesas-disney>. Acesso em: 20 out. 2019

LIMA, Fábيا Pereira. As contribuições do paradigma relacional para o estudo da comunicação no contexto organizacional. In: **Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. 2008.

OLIVEIRA, Ivone; DE PAULA, Maria. **Interações na contemporaneidade e mudanças pragmáticas: organização, comunicação e estratégias**. 2010. Disponível em: <http://www.cienciared.com.ar/ra/revista.php?wid=9&sid=Editorial&aid=1016&sid=-1&eid=24&tipo=LA&NombreSeccion=Datos%20de%20Autor&Accion=VerAutor>. Acesso em: 4 jul. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Curitiba. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. *São Paulo*, 2004.

CINDERELA. Direção de Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. EUA, 1950. 74 min.

A BELA Adormecida. Direção de Clyde Geronimi. EUA, 1959. 75 min.

A PEQUENA Sereia. Direção de John Musker e Ron Clements. EUA, 1989. 82 min.

MULAN. Direção de Barry Cook e Tony Bancroft. EUA, 1998. 88 min.

VALENTE. Direção de Brenda Chapman, Mark Andrews e Steve Purcell. EUA, 2012. 93 min.

MOANA: Um mar de aventuras. Direção de John Musker e Ron Clements. EUA, 2017. 113 min.